



ASPECTOS HISTÓRICOS DA EXPANSÃO URBANA NO SUDESTE DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA, CEARÁ

Sérgio César de França Fuck Júnior

Geógrafo; mestre; analista de impactos socioeconômicos da Embrapa e professor universitário.

Resumo

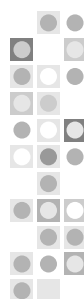
Através da (re)produção social do espaço urbano (mediação pelo trabalho, ao longo do tempo), a sociedade se apropria da natureza, transformando-a e transformando a si própria. A partir dessa premissa, analisamos brevemente neste artigo a expansão urbana no município de Fortaleza, especificamente no sudeste desse território (o distrito de Messejana, como entidade histórica), relatando e discutindo o processo de expansão espacial de Messejana (Fortaleza), de sua formação histórica à atualidade. Assim, apresentamos alguns aspectos sociodemográficos, infra-estruturais, político-administrativos e ambientais relativos à expansão da malha urbana em Messejana-Fortaleza, mostrando o processo e suas feições atuais e recuperando o histórico de formação de seu espaço intra-urbano (de Messejana e da própria cidade de Fortaleza, desde núcleos “urbanos” independentes até a presente configuração territorial intra-urbana).

Palavras-chave: expansão urbana; formação social; configuração territorial.

Abstract

Through the social production of urban space, society transforms nature as well as itself. Having this as a background, we analyze the urban growth of Fortaleza, in particular in the southeast of the city (the historic Messejana district). We discuss the infrastructure and socio-demographic, political, and environmental aspects to date in order to have an understanding of how these independent urban centers (Fortaleza and its district, Messejana) have grown together to become what it is today.

Keywords: urban growth; social formation; territorial configuration.

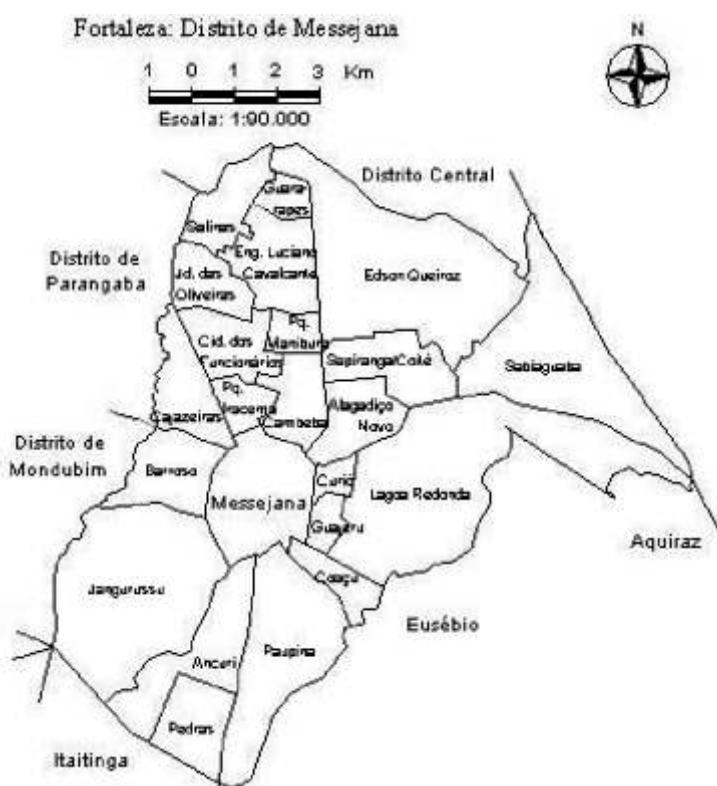


“Durante longos séculos, a Terra foi o grande laboratório do homem; só há pouco tempo é que a cidade assumiu esse papel. O fenômeno urbano manifesta hoje sua enormidade, desconcertante para a reflexão teórica, para a ação prática e mesmo para a imaginação” (Henri Lefebvre).

Introdução

A área sudeste do município de Fortaleza, cujo território corresponde historicamente ao distrito de Messejana (ver Mapa 1, a seguir), experimenta atualmente um processo de expansão que, como espaço geográfico, é, dialeticamente, resultante, meio e condicionante dos processos e estruturas sociais, e das formas e funções urbanas. É composta por bairros bastante heterogêneos quanto aos aspectos socioeconômicos e ambientais (socioambientais), estando quase todos, administrativamente, incluídos na Região VI da Prefeitura Municipal de Fortaleza (o município possui seis Secretarias Executivas Regionais, intra-regionalmente distribuídas¹). Ali ocorre a “contraditória” (re)produção da periferia econômica em certos setores do distrito², concomitantemente à expansão dos subespaços das classes média (em geral) e alta em outros setores.

Mapa 1. Distrito de Messejana e seus bairros, no município de Fortaleza, Ceará.



Essa área também vem sendo atingida indiretamente pela industrialização e pela valorização do turismo no estado do Ceará, fomentadas pelo governo estadual, ao adensarem-se os fluxos que perpassam seu território, intensificando o uso deste e requalificando-o, além da expansão *in situ* promovida pela própria demanda de ocupação do espaço. Como Flávio Villaça (1998, p.70), salientamos: “Note-se que estamos falando de ‘expansão’ de zonas da cidade, em arranjo territorial do crescimento urbano”.

O distrito de Messejana tem uma ocupação antiga, concomitante à ocupação populacional em Fortaleza, da qual fora independente como vila e, posteriormente, como município. Seus momentos históricos, como espaço intra-urbano, estão contidos na atual configuração territorial do município de Fortaleza, cujas formas e funções são, também, historicamente condicionadas.

Assim, ao relatarmos as fases históricas de crescimento urbano (formação social) de Fortaleza e de Messejana (desde núcleos urbanos independentes até a atual configuração territorial intra-urbana), explicamos parte do atual processo de expansão espacial de Fortaleza.

Mapa 2. Distritos históricos do município de Fortaleza, destacando-se Messejana.



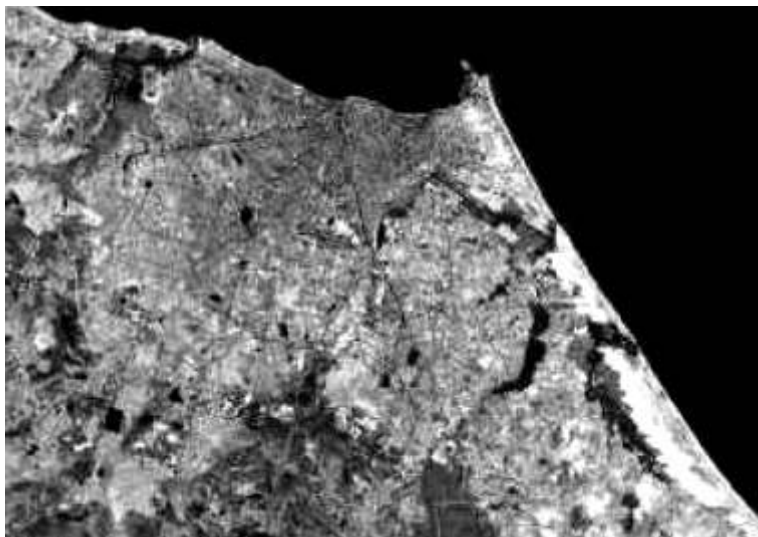
Expansão recente da malha urbana

Fortaleza vem tendo um crescimento demográfico-espacial acelerado nos últimos anos: sua população ultrapassou a marca de um milhão de habitantes em 1980 e de dois milhões em 2000³.

Ainda quanto ao adensamento do espaço construído, percebemos na Figura 1, abaixo, a configuração territorial atual e as possibilidades de expansão e incremento do adensamento nas diversas áreas do município (e, por extensão, da região metropolitana de Fortaleza).



Figura 1. Município de Fortaleza (e entorno) – adensamento atual da mancha urbana.



Fonte: Embrapa Monitoramento por Satélite, 1999 – Cartas: SA-24-Z-C-IV e SA-24-Z-C-V (original – 1:100.000).

Periodização histórica da ocupação territorial

“A urbanização é, antes de mais nada, um processo que se materializa na cidade e, nesse sentido, deve-se buscar seu caráter histórico” (Hora, 1998, p.32).

Como os conteúdos históricos mudam com uma temporalidade não exatamente igual à das mudanças nas relações entre formas e funções, “[...] uma empiricização efetiva, útil, eficaz, só se pode [...] fazer à medida que uma periodização é alcançada. É esta que permite definir, ou melhor, redefinir as coisas” (Santos, 1991, p.83-84). Deve-se interpretar e explicar o presente como um processo, no qual as “variáveis internas” do sistema (totalidade, localmente realizada) mudam de peso e de significado (Santos, 1991). “A periodização é indispensável para que, no trabalho de empiricização das categorias, não nos escape o problema da mudança de valor [subjetivo: valoração] de cada variável segundo os momentos” (Santos, 1991, p.114). Isso serve tanto para a apreensão da realidade no momento atual quanto para indicar as tendências de sua evolução, bem como para a correta contextualização histórica de eventos passados e dos seus modos de apreensão no próprio passado e no presente⁴.

Avaliando a história da cidade de Fortaleza, e especificamente do subespaço em análise, podemos inferir de suas diversas fases de crescimento uma periodização, da qual a configuração territorial do presente é decorrente⁵. “Torna-se, pois, salutar essa retomada [da 'história da cidade'], sobretudo porque se faz segundo um enfoque multidisciplinar” (Santos, 1997, p.69). Relatamos aqui a formação de Fortaleza e de Messejana como núcleos “urbanos” independentes até a atual configuração territorial intra-urbana (o adensamento da malha urbana e a consolidação como “tecido urbano” fortalezense nessa expansão espacial). “A história da cidade é a das suas formas, não como um dado passivo, mas como um dado ativo, e esse fato não pode nos escapar em nossa análise” (Santos, 1997, p.72).

Desde 1603 deu-se a tentativa de povoamento do litoral fortalezense, quando o açoriano Pero Coelho de Souza, acompanhado de Martim Soares Moreno⁶, veio ao Ceará e construiu o forte São Tiago, na barra do rio Ceará, ao lado do qual surgiu o povoado de Nova Lisboa. Em 1649, os holandeses – que permaneceram alguns anos em Pernambuco, estendendo-se ao Ceará – construíram o forte Schoonemborch, próximo à foz do riacho Pajeú. A partir dessa

localização estratégica⁷, após a expulsão dos holandeses pelos portugueses em 1654, deu-se uma povoação no entorno do forte...

No início, Fortaleza expandiu-se nas direções oeste, sul e sudoeste, haja vista o riacho Pajeú representar um obstáculo natural para leste⁸. Nos séculos XIX e XX, as vias férreas, bem como as estradas de rodagem (estas já seguindo antigos caminhos), foram sendo implantadas segundo essa mesma configuração territorial, historicamente legada. O binômio porto-ferrovia foi um dos aspectos estruturantes da localização residencial e industrial em Fortaleza, deslocando-se para oeste as indústrias e a classe de baixa renda (pois, além da relação distância/moradia/trabalho, a via férrea – e as próprias fábricas – desvalorizavam os terrenos do entorno, “permitindo-se” o acesso habitacional aos trabalhadores)⁹.

Próximo à área central, as próprias “elites” haviam se deslocado para oeste, no Jacarecanga, mas, devido a essa posterior localização industrial, a valorização fundiária e imobiliária transferiu-se – e com ela essas “elites” –, a partir dos anos 1930 do século XX, para o Benfica (“Gentilândia”, terras da família do sr. Gentil Carvalho, e outros); depois para a Praia de Iracema (com a “valorização do mar”); e para a Aldeota (“pequena aldeia”, já no setor leste de Fortaleza). Araújo & Carleial (2001) revelam uma faceta dessa produção pretérita do espaço fortalezense:

“Comerciantes e especuladores da terra urbana vão criar as primeiras instituições bancárias, naqueles anos 30. Três dos primeiros cinco bancos estão assim associados ao comércio, e indiretamente à agricultura: o Banco Frota Gentil, pertencente a antigos donos de imóveis urbanos em Fortaleza (Reitoria, também conhecida como Palacete Gentil, por ter sido construída pelo banqueiro José Gentil Carvalho); o Banco União S/A, de quatro proprietários, sendo um deles dono de terra urbana; o Banco dos Importadores, também de proprietário de terras. A origem do capital financeiro atrelado à propriedade imobiliária vem demonstrar a capacidade de gerar riqueza a partir da especulação imobiliária, afinal as terras estavam praticamente concentradas em cinco grandes proprietários, que conduziam e limitavam a expansão da cidade nesses tempos. Parte dessa atividade foi repassada para a família desses proprietários, dando continuidade ao capital inicial, como ainda se pode encontrar no sistema de posses atuais das terras urbanas”.

A criação de gado (bovino, Vacum) e a cultura do algodão marcaram a economia do Ceará dos séculos XVII ao XIX. No início do século XIX, o algodão já dinamizava o binômio porto-cidade entre Camocim¹⁰ e Sobral, assim como a carne-de-sol – cuja importância econômica era mais antiga, pois movimentara também a economia entre Aracati e Icó, vale do Jaguaribe, sendo paulatinamente substituída pela cotonicultura.

Até 1799, o algodão do Ceará era exportado por Recife; a partir desse ano, a Capitania do Ceará (Siará Grande) tornou-se autônoma, e a exportação passou a ser realizada por Fortaleza. Mas a atividade econômica ainda era fraca, e Fortaleza vivia basicamente de sua função político-administrativa¹¹. Em meados do século XIX, a demanda externa pelo algodão aumentou muito¹², assim como a produção cearense do produto. Desse modo, veio a via férrea¹³, para complementar o transporte da produção agrícola até o porto de Fortaleza¹⁴. A partir dessa época, a cidade ganhou novos serviços e equipamentos urbanos, como o transporte coletivo por meio de bondes com tração animal, o serviço telefônico, caixas postais, o cabo submarino para a Europa e a instalação da primeira fábrica de tecidos e fiação. Também surgiram os primeiros jornais e instituições educacionais e culturais.



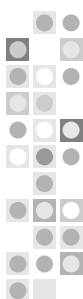
Os planos urbanísticos¹⁵ (planos diretores, leis de uso e ocupação do solo, códigos de obras e posturas...), como os de Silva Paulet (1818) e Adolfo Herbster (1875), dentre outros, preocupavam-se com a funcionalidade do desenho urbano (ordenamento urbano: padronização, higienismo etc.). A criação de normas de conduta moral também se intensificava na cidade, que se transformava sociocultural e politicamente à medida que crescia demográfica, espacial e economicamente (acompanhando as tendências “liberais” do Ocidente)¹⁶.

Em fins do século XIX, todas essas características representaram a chegada da modernização (baseada em padrões europeus), com novos costumes, equipamentos e serviços etc. Então, seguindo-se o fluxo econômico (e “cultural”), os transportes, comunicações, energia e água foram sendo gradativamente implantados, como infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento¹⁷ (ver Quadro 1, a seguir). Pela rede de comércio criada, interna e externamente, e por sua função político-administrativa (Lemenhe, 1991) – a partir do próprio recrudescimento da centralização política efetivada pelo Segundo Reinado (1840-1889) –, Fortaleza consolida-se como capital (sede do poder) e grande centro urbano cearense, o que passa a ser reproduzido em escala ampliada – resultado da integração do Ceará à economia nacional e mundial (Silva, 1994).

Com a modernização e o aumento da importância política e econômica, Fortaleza passou a ser “a esperança” para grandes contingentes populacionais, que sofriam com as secas periódicas no interior do estado, e passaram a migrar para a capital, acelerando o seu crescimento.

Quadro 1. Modernização – Inovações e ampliações tecnológicas em Fortaleza na primeira metade do século XX¹⁸

1903	linha de bondes de tração animal, Alagadiço
1908	primeiro cinema fixo, Centro
1909	segundo cinema fixo, Centro
1910	primeiros automóveis; inauguração oficial do Theatro José de Alencar
1911	linha de bondes de tração animal, Aldeota
1913	linha de bondes de tração elétrica, Alagadiço
1914	linha de bondes de tração elétrica, Outeiro (Centro). Foi utilizado pela última vez bonde de tração animal
1917	"linha nova": trens partindo do Jacarecanga, juntando-se ao antigo traçado somente após o Benfica (Av. Carapinima), desativando a linha (trecho) que passava pelo Centro (Av. Tristão Gonçalves) - essa antiga linha desativada corresponde ao atual traçado do Metrofor (subterrâneo); estação ferroviária do Matadouro (Otávio Bonfim); estação ferroviária do Barro Vermelho (Antônio Bezerra); estação ferroviária de Soure (Caucaia)
1918	estação ferroviária da Pajuçara (em Maracanaú)
1925	linha de bondes de tração elétrica, Prainha
1926	serviço de abastecimento de água e esgoto em Fortaleza; tubulação adutora da água do açude Acarape do Meio, do sistema de abastecimento d'água de Fortaleza; estação telegráfica do Ceará, em Fortaleza; estação ferroviária da Floresta (Álvaro Weyne); estação ferroviária da Barra (Barra do Ceará); bombas de gasolina... (empresas estrangeiras como a Standard Oil Company of Brazil, a The Ceará Tramway, Light & Power Co. Ltd. e outras investindo em infra-estruturas e serviços)



1927	estação telefônica da Parangaba (Parangaba); estação rádio-telegráfica, Praia de Iracema
1928	linha de ônibus Fortaleza-Maranguape; jornal O Povo
1929	estação rádio-telegráfica, São Gerardo
1930	estrada de concreto Fortaleza-Parangaba, atual Av. João Pessoa, construída pelo IFOCS (atual DNOCS); aeroporto para hidroaviões (da Nirba do Brasil S.A.), Barra do Ceará; empresa construtora "Edificadora do Norte"
1931	campo de aviação, Alto da Balança; primeiro "arranha-céu", o Excelsior Hotel, Praça do Ferreira (Centro)
1932	mercado central, Centro
1933	ramal ferroviário Fortaleza-Mucuripe
1938	telefones automáticos (com discagem), Praça dos Voluntários (Centro); "É inaugurado próximo ao campo de aviação, no dia 20 de março de 1938, o loteamento Parque Olinda, de Monteiro Filho e Osvaldo Studart, com lotes de 50 palmos vendidos a prestação" (citação contida no Anexo - Cronologia do Comércio)
1940	estação ferroviária, Couto Fernandes
1941	vôo inaugural Rio de Janeiro-Fortaleza

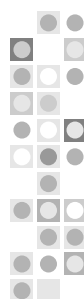
Fonte: Leitão (2001).

Relação entre Messejana e Fortaleza

A atual estrutura territorial do estado do Ceará, com 184 municípios, data de 1992¹⁹. Em 1823, início do Império e da criação política das cidades e municípios²⁰, havia poucas vilas oficialmente instituídas; dentre elas, Messejana. Fortaleza e Messejana foram, a princípio, duas povoações distintas – ambas originadas quase ao mesmo tempo (no período colonial) –, com histórias independentes²¹. Fortaleza instituiu-se como vila em 1725 (implantada em 1726²², como “capital” da capitania do Siará Grande), e Messejana em 1758 (implantada em 1760), ambas por Carta Régia, ainda no período das capitanias do Brasil-Colônia. Com o tempo, transformaram-se em dois pólos no mesmo município, e isso de certa maneira ainda persiste (o que se pode constatar, dentre outras evidências, pelo movimento populacional cotidiano e pelas características infra-estruturais, de mobiliário urbano e de serviços públicos implantados em Fortaleza, demonstrando a centralidade geográfica ainda atual da “antiga vila”).

No passado houve um povoamento espreado, adensando-se separadamente os diversos núcleos do atual município de Fortaleza, e atualmente esses adensamentos tendem a preencher relativamente todo o território em pauta. O que vem ocorrendo é a intensificação de um processo que tem sentido via “tecido urbano”²³, essencial (de “integração socioespacial”), que se torna aparente na forma, via malha urbana (de “expansão territorial”). Por isso, estamos tratando filosoficamente esse processo como “expansão espacial”.

Alguns dos antigos povoamentos no entorno da atual Fortaleza eram aldeias de indígenas catequizados por jesuítas, “politizadas” pelo Estado²⁴. Messejana nasceu da aldeia de São Sebastião de Paupina, habitada por índios potiguaras²⁵ (tupis). A aldeia foi transformada em Vila Nova Real de Messejana da



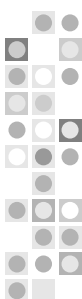
América, em 1º de janeiro de 1760²⁶. Grandes engenhos de cana-de-açúcar se estabeleceram e se desenvolveram em sítios nessa nova vila. José Martiniano de Alencar (pai do famoso escritor²⁷) fundou o sítio Alagadiço Novo, com o primeiro engenho a vapor da província do Ceará; padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, o sítio Cambeba; Antônio Alexandrino da Cunha Lage, o sítio Ancori; Antônio da Silva Porto, o sítio Guajeru (antigo São Gerardo); Urbano de França Alencar, o sítio Jangurussu; e Antônio Felino Barroso, o sítio Itambé²⁸. A grande seca de 1877-79 também assolou esses sítios, e seus proprietários faliram; a partir de então os terrenos foram sendo divididos (parcelados) e vendidos, iniciando-se o processo de urbanização (isso até contribuiu para a recuperação da autonomia política da vila em 1878).

Assim, muitos desses antigos sítios tornaram-se atuais bairros ou grandes conjuntos habitacionais/loteamentos de Fortaleza²⁹: a partir dos anos 1940 aumentou o processo de incorporação de novas áreas a leste da cidade, realizado por empresários e proprietários fundiários, que se apropriavam de terrenos localizados na periferia urbana, loteando antigos sítios de uso rural, como o Cocó, o Alagadiço Novo, o Cambeba, o Estância (Dionísio Torres), o Colosso, o Tunga (na “Água Fria”). Por exemplo, o sítio Cocó, da família Diogo (à margem esquerda do rio), deu origem a um loteamento na Praia do Futuro (na década de 1950), e à Cidade 2000 (a partir de 1971)³⁰. Já no lado de Messejana (margem direita do rio), os Srs. Patriolino Ribeiro e Edson Queiroz possuíam terras que se estendiam do rio Cocó ao mar. Ao mesmo tempo, muitos terrenos “centrais” ficavam sem uso, à espera de valorização, o que demonstra que a especulação fundiária e imobiliária é também “histórica”³¹.

Outro núcleo surgido no distrito, mais recentemente, foi o bairro Cidade dos Funcionários. Sua ocupação começou em 1952, como um projeto dos Correios (era terra do Estado). Próximo a ele já existiam algumas povoações, como o sítio Cajazeiras e a vila Cazumba (no Jardim das Oliveiras). Os lotes eram vendidos de início somente para funcionários públicos. Aí, a procura residencial intensificou-se nos anos 1970: “A disponibilidade de terrenos, o clima e a infra-estrutura, constituíam-se nos atrativos usados pelas imobiliárias para atrair compradores” (Sousa, 2001, p.32). Na verdade, essa infra-estrutura foi sendo vagarosamente implantada, devido aos custos relacionados à distância da região central de Fortaleza, e a despeito do bom nível de rendimentos auferidos pelos seus moradores.

Até 1983, sequer a rede de abastecimento de água potável estava completamente instalada no bairro (Sousa, 2001). Devido à procura e à conseqüente valorização do solo, construíram-se prédios de apartamentos (de até cinco andares) de 1985 a 1992, após o que voltou a valorizar-se, passando-se a construir-se casas. Configurou-se um núcleo rodeado de “vazios urbanos”, que ainda é a sede de um dos dois subdistritos de Messejana³².

Assim, como o distrito de Messejana tem uma ocupação antiga, concomitante à ocupação populacional em Fortaleza (do qual era independente, na condição de município), seus momentos históricos resultam diretamente na atual configuração territorial do município de Fortaleza, com formas e funções historicamente condicionadas³³, conforme demonstramos no Quadro 2, a seguir.



Quadro 2. Periodização histórica do processo de expansão urbana de Messejana-Fortaleza

HISTÓRIA DE MESSEJANA*		Fortaleza	Ceará
Período	fatos marcantes e características		
1607 a 1759 - "Fase Colonizadora"**	jesuítas e indígenas em atividades agropecuárias e de catequização	1726 - elevação da povoação de Nossa Senhora da Assunção (povoação de Fortaleza) à categoria de vila, como Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção	povoamento e distribuição fundiária; pecuária extensiva, charqueadas...
1759 a 1839 - "Fase Urbanizadora"**	1760 - elevação da aldeia de São Sebastião de Paupina (povoação de Messejana) à categoria de vila, como Vila Nova Real de Messejana da América	1823 - elevação da Vila de Fortaleza à categoria de cidade, como Cidade de Fortaleza de Nova Bragança	1799 - desmembramento da capitania do Siará Grande (semi-autônoma) da capitania de Pernambuco;
1839 a 1878 - "Fase essencialmente Agrícola"**	território pertencente à Fortaleza	consolidação do mercado e da função político-administrativa	exportação do algodão...
1878 a 1921 - "Fase Desenvolvimentista"**	município (autônomo); "formação de grandes mangueirais..."**	avanço da modernização	exportação do algodão... exportação de óleo de caroço de algodão, cera de carnaúba, e oiticica; indústria nascente: têxtil, alimentícia, calçadista...
1921 a 1986 - "Fase Modernizadora"***	1921 - Messejana é definitivamente incorporada a Fortaleza (jurídico-administrativamente), mas permanece efetivamente "isolada"	crescimento populacional e configuração da macrocefalia	fordismo: processo de industrialização comandado pelo Estado e pelo capital industrial mesclado ao capital bancário (formando o capital financeiro)...
1986 à atualidade - "Fase Contemporânea"	o distrito de Messejana é efetivamente incorporado à cidade com a expansão - promovida pelo mercado imobiliário - à porção sudeste do município (provocando também a "periferização" em outras áreas...)	Fortaleza configura-se com maiores adensamentos nas porções norte (Central) e oeste (Parangaba e Antônio Bezerra), assim como o favelamento é maior na porção oeste (embora disperso por todo o município); as classes média-alta e alta concentram-se sobretudo na porção nordeste, expandindo-se para sudeste...	"redemocratização" (nacional); "Governo das Mudanças" (estadual); industrialização e turismo fomentados pelo Estado; "explosão" do terciário; consolidação do capital financeiro e incorporador...

*Periodização de Amaral (1996).
**Amaral, originalmente, estendia essa fase até a atualidade, mas inserimos em seu "curso final" um novo período³⁴.



Considerações finais

Dentre os diversos componentes da expansão urbana, destacamos neste breve artigo o aspecto histórico e sua influência na atual configuração territorial da parte sudeste do município de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Boa parte desse subespaço vem sendo sobrevalorizada pelo mercado imobiliário, causando interessantes conflitos e/ou coalescências entre o que é antigo e o que é novo.

Nesse particular, embora as relações atuais entre os bairros do distrito de Messejana dêem-se mais com Fortaleza, propriamente, do que com a “vila” de Messejana (bem como da Cidade dos Funcionários, sede de subdistrito)³⁵, não se pode negar que a formação social desse território mantém e até reforça muitas das suas características passadas. “Messejana mantém seu caráter independente. Mesmo fazendo parte de Fortaleza, o distrito consegue permanecer com ar de cidade do interior, com ruas apertadas, casas antigas, habitantes simples, conservando grandes áreas rurais”³⁶.

Assim, estabelece-se uma relação histórica entre o distrito central³⁷ (Fortaleza) e o de Messejana, cuja integração (a expansão espacial) tem características diferentes das conurbações realizadas no oeste do município (mais adensadas). Por sua vez, o próprio “núcleo urbano messejanense” tem relações específicas com outras frações territoriais intra-urbanas e metropolitanas³⁸ (antigos ou novos movimentos pendulares e comerciais, por exemplo), e isso é passível de maiores análises...

NOTAS

¹ As Secretarias Executivas Regionais foram criadas pela Lei municipal nº 8.000, de 29-01-1997, que reformulou a organização administrativa municipal. São elas: SER I – Grande Barra do Ceará; SER II – Grande Mucuripe; SER III – Grande Antônio Bezerra; SER IV – Grande Parangaba; SER V – Grande Mondubim; SER VI – Grande Messejana.

² Na Lei nº 8.000, bem como em leis anteriores de organização administrativa, não há menção à supressão dos distritos (utilizados ainda pelo IBGE) e, no tocante à criação das SERs, houve apenas uma descentralização administrativa no atendimento às reivindicações populares e na execução de tarefas, propriamente (também foram criados ou reformulados outros órgãos e instâncias municipais, de planejamento e gestão). De qualquer modo, as identidades histórico-cultural e territorial (os espaços “natural” e “construído”), e o processo por nós identificado, nos “autorizaram” a tratá-lo pelo recorte distrital.

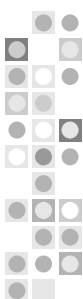
³ Segundo os Recenseamentos Gerais do IBGE.

⁴ Essa periodização histórico-geográfica (e dialética) proporciona uma visão geral sobre determinado tema, tanto a respeito do arcabouço teórico envolvido no estudo quanto do relativismo que podemos inferir dos fatos e abordagens de cada época... Utilizamos aqui o termo “periodização histórica”, quase redundante, por nos estarmos baseando nos fatos e eventos da historiografia para realizarmos esta periodização...

⁵ Haja vista os próprios conteúdos dos conceitos e categorizações de espaço geográfico, território e formação social (e processo e forma...) utilizados no paradigma da geografia crítica, que adotamos...

⁶ Moreno – com apenas 17 anos de idade nessa época – retornou posteriormente e apossou-se das terras, sendo considerado o verdadeiro “fundador do Ceará”, cuja história serviu de inspiração ao personagem “Martim” da obra Iracema, de José de Alencar (enamorado da personagem indígena que dá nome à obra...).

⁷ Atual Centro da Cidade de Fortaleza.



⁸ Do mesmo modo que o seria o rio Cocó, dois séculos depois.

⁹ No Brasil, as ferrovias foram "elos físicos" (fixos que propiciaram fluxos) que reforçaram diversas redes urbano-regionais da metade do século XIX a meados do século XX, aproximadamente (e novas povoações criavam-se no entorno das estações...).

Segundo Villaça (1998), a mobilidade nas rodovias (e nas ruas e avenidas) é permitida em toda a sua extensão, enquanto nas ferrovias existem os pontos específicos para embarque/desembarque, as estações. No espaço intra-urbano esse fator é decisivo, pois a mobilidade tem que ser, necessariamente, muito maior (condição de acessibilidade ao "ponto"). E isso é um dos aspectos determinantes nas direções de expansão urbana. Nas cidades, passamos do bonde de tração animal para o bonde de tração elétrica, depois para os ônibus, enquanto os metrô e trens suburbanos atendem às regiões metropolitanas. São meios de transporte diferentes para escalas diferentes.

¹⁰ Também Acaraú...

¹¹ Mas sem as características "urbanas" que distinguimos hoje, frutos do processo de urbanização advindo da modernização (conservadora), que, por sua vez, foi engendrada pelo controle capitalista mundial, através da industrialização (conforme aprendemos com algumas das belas obras de Henri Lefebvre...).

¹² Devido a alguns aspectos conjunturais, como a modernização na Europa e a Guerra de Secessão nos Estados Unidos.

¹³ Em 1880 inaugurou-se a estrada de ferro Fortaleza-Baturité ("Cia. Cearense da Via-Férrea de Baturité"), agregando-se a outras estradas/ramais que se implantavam no Ceará...

¹⁴ Embora houvesse muitas dificuldades técnicas de transporte e de precariedade do porto, a economia fortalezense cresceu muito, devido ao beneficiamento e comercialização do algodão. "Já na segunda metade do século XIX, Fortaleza substituiu Aracati no comando das relações comerciais de boa parte do Baixo Jaguaribe e do Sertão Central" (Souza, 1978, p.99).

¹⁵ "O planejamento urbano consiste na organização do espaço, das atividades e funções de uma cidade, levando em consideração a realidade existente e suas implicações no desenvolvimento futuro, não só do ponto de vista físico, como também social e econômico, para obter o bem-estar progressivo desta localidade" (conceito elaborado pela Associação Internacional de Administração Municipal, citado por Suetonio Mota, 1997).

¹⁶ Desde meados do século XIX: a grande seca de 1877-79 e a Lei de Terras de 1850 propiciaram o crescimento populacional de Fortaleza e das áreas próximas, e a chegada dos "retirantes" causou o recrudescimento do controle e do disciplinamento sociais (Costa, 1999).

¹⁷ Entendendo a modernização como instrumentalização do espaço – e a conseqüente mudança cultural daí advinda –, Milton Santos (1985) faz uma periodização dos sistemas temporais em nível mundial (coincide com períodos históricos), e diz que a sucessão dos sistemas coincide com a das modernizações. Sua classificação é, por períodos aproximados: 1-comércio em grande escala (século XV a 1620); 2-manufaturas (1620-1750); 3-Revolução Industrial (1750-1870); 4-industrial (1870-1945); 5-tecnológico (atual). O citado autor destaca que os períodos 1, 4 e 5 representaram os maiores impactos nos países subdesenvolvidos, devido à modernização técnica e cultural que impuseram aos seus territórios.

"As chamadas camadas médias urbanas e todas as mudanças que elas expressam são a imagem mais visível desse amplo processo de modernização..." (Moraes & Costa, 1999, p.155).

¹⁸ Data também dessa época (sobretudo no atual Centro e adjacências) a implantação de muitas lojas, farmácias, laboratórios, hospitais, jornais, cinemas, teatros, clubes, cafés, bancos, escolas, padarias, livrarias, fábricas, rádios, hotéis e associações diversas, como marcos da modernização e do crescimento de Fortaleza (Leitão, 2001).

¹⁹ Os últimos municípios criados, nesse ano, foram: Itaitinga, Choró e Fortim. As últimas criações de distritos, em diversos municípios, datam de 1994.

²⁰ As "vilas" foram se tornando "cidades", sedes dos recém-criados municípios (com os mesmos territórios totais das antigas vilas), ou permaneceram como sedes dos recém-criados distritos (subdivisões territoriais dos municípios), ou, ainda, foram "rebaixadas" à categoria de povoados (não sendo sede de nenhuma unidade territorial mais ampla).

²¹ Conhecendo-se a história do distrito e a relevância empírica que ele representa, ratifica-se a abordagem que o considera uma "entidade" que ajuda a entender o atual processo de urbanização (expansão, intra-urbanização) no município de Fortaleza (recomendamos o ensaio de Amaral, 1996).

²² Como "Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção". Adquiriu então, em 1823, a categoria de cidade, como "Cidade de Fortaleza de Nova Bragança"...

²³ Admitimos essa pequena analogia ecológica apenas no nível didático – como Lefebvre, Santos, Harvey, Corrêa, Villaça... –, pois, pensando em termos de produção social do espaço urbano, não é coerente a abordagem "naturalista"...

²⁴ Segundo Araújo & Carleial (2001), a instituição das vilas propiciava o controle social.

²⁵ Conhecidos posteriormente por "paupinas", devido ao nome do primeiro missionário e fundador Padre Pinto (Francisco Pinto), o "Pai Pina" (conforme Amaral, 1996).



²⁶ A povoação de Messejana teve início como uma missão jesuítica, um aldeamento indígena, fundado em 1607; quando foi implantada a Vila de Fortaleza, em 1726 (a segunda do Ceará), passou a ser um povoado pertencente a esta; a vila de Messejana foi implantada em 1760 (a oitava do Ceará), ganhando então autonomia política, o que perdurou até 1839 (quando foi anexada ao município de Fortaleza, perdendo parte de seu território); em 1878 ganhou novamente autonomia, como município, o que perduraria até 1921, quando foi novamente anexada a Fortaleza, ficando sua sede na condição de povoado até recuperar a condição de vila – como sede do recém-criado distrito de Messejana – em 1938. Atualmente, o distrito tem o mesmo território definido em 1866 (Amaral, 1996).

²⁷ Em 1865, o messejanense José de Alencar escreveu o romance “*Iracema: lenda do Ceará*”, ambientado na vila/distrito/município de Messejana, no município de Fortaleza e na província do Ceará, com eventos históricos “idealizados” e descrições dessas paisagens... Ele é considerado o maior escritor indianista do Brasil, bem como um dos maiores romancistas.

²⁸ Além desses, havia outros inúmeros sítios e arraiais (freguesias, povoados) em Messejana, além da sede (“vila”), propriamente. A agricultura e a pequena pecuária eram as atividades predominantes. Nessa época, Messejana atuava no abastecimento de animais e vegetais para Fortaleza, e alguns habitantes das classes média-alta e alta de Fortaleza já possuíam sítios em Messejana (para diversos fins). Algumas famílias tradicionais de Messejana (município/distrito/vila), desde essa época, são: Alencar, Gurgel do Amaral, Matos, Cavalcante, Araripe, Salgado, Dummar...

²⁹ E, destes, alguns ainda conservam características de um passado remoto (além dos próprios nomes...).

³⁰ Nos anos 1970 houve o prolongamento da Av. Santos Dumont até a Praia do Futuro, que se pressupunha promissora para o mercado imobiliário, mas cujas condições “naturais” (maresia) não permitiram (ainda) essa expansão...

³¹ O Sr. Ribeiro foi também dono do Armazém Ouro Branco e o primeiro dono da TV Cidade, e o Sr. Queiroz dono da TV Verdes Mares, além de inúmeras outras empresas (vincularam-se também ao poder político...). Eles, assim como o Sr. Diogo e outros, como proprietários de terras, atuaram também no mercado imobiliário, de onde advieram muitos loteamentos no sudeste do município, como: Planalto Água Fria, Village Colosso, Sítio Santa Rosa, Alpha Village, Santa Luzia do Cocó etc. Deixaram como legado as empresas imobiliárias: Incorporadora Patriolino Ribeiro S/A (Incorpa), Construtora Waldir Diogo Ltda., e imobiliárias da família Queiroz...

³² São eles: subdistrito Messejana e subdistrito Cidade dos Funcionários (IBGE).

³³ “Através do espaço, a história se torna – ela própria, estrutura – estruturada em formas. E tais formas, como formas-conteúdo, influenciam o curso da história, pois elas participam da dialética global da sociedade” (Santos, 1996, p.152).

³⁴ Não concordamos com algumas denominações dos períodos identificados pelo autor citado, mas nos reservamos aqui – ao reproduzir alguns aspectos históricos – a utilizar sua classificação quase sem alterações, importando-nos apenas a apreensão da formação social...

³⁵ Aqui, ao identificarmos um processo de “aldeotização”, verificamos que os bairros do setor norte do distrito “são Fortaleza” (inseridos diretamente na área de expansão da cidade), enquanto os bairros do setor sul “ainda são Messejana”...

³⁶ Reportagem: “Messejana completa 238 anos”. Jornal O Povo – Editoria de Cidades, 04-01-1998.

³⁷ Destacamos que, de acordo com a classificação do IBGE, as cidades, localidades-sedes dos municípios, têm seus territórios delimitados dentro do “distrito-sede” ou “distrito central”. Nos demais distritos dos municípios, as localidades-sedes são as vilas.

³⁸ A “vila” de Messejana também estabelece relações próprias com muitos habitantes de Itaitinga, Eusébio, Aquiraz... “Por outro lado, os núcleos urbanos não desaparecem, roídos pelo tecido invasor ou integrados na sua trama. Esses núcleos resistem ao se transformarem. Continuam a ser centros de intensa vida urbana” (Lefebvre, 1991, p.12). Continuam com sua centralidade, como pólos de trabalho (serviços, comércio e indústria), culturais e de lazer etc.

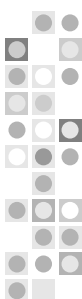
REFERÊNCIAS

ALENCAR JÚNIOR, José Martiniano de. *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965 [1865].

AMARAL, Ernesto Matos Gurgel do. *História de Messejana*. Fortaleza: Sociedade Educadora de Messejana, 1996.

ARAÚJO, Ana Maria Matos; CARLEIAL, Adelita Neto. O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela migração. *Revista Geocrítica, Barcelona, Espanha, 2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-73.htm>. Acesso em: 25-03-2002.*

CORRÊA, Roberto Lobato Azevedo. *O espaço urbano*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.



COSTA, Maria Clelia Lustosa. Urbanização da sociedade cearense. In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. L. (Orgs.). *O espaço no fim de século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999.

HARVEY, David. *Ajustiça social e a cidade*. Trad. Armando Corrêa da Silva. São Paulo: Hucitec, 1980.

HORA, Mara Lúcia Falconi da. A (re)produção do espaço urbano e a lógica dos agentes produtores. *Revista Formação, Presidente Prudente-SP*, n. 5, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000 e Dados Consolidados*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 2001 e 2002; e via CD-ROM: *Software EstatCart: Sistema de recuperação de informações georreferenciadas*, versão 1.1.1. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. (Diversas edições). Fortaleza, 2001 a 2002.

JORNAL O POVO. (Diversas edições). Fortaleza, 1997 a 2002.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.

LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Trad. Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1999 [1972, como “O pensamento marxista e a cidade”].

LEITÃO, Cláudia Sousa. (Org.). *Memória do comércio cearense*. Rio de Janeiro: Senac-Nacional, 2001.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As razões de uma cidade: conflito de hegemonias*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

MORAES, Antônio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia crítica: a valorização do espaço*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1984].

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA – PMF. *Lei de Uso e Ocupação do Solo – Lei nº 7.987/1996; Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU-For – Lei nº 7.061/1992; Síntese Diagnóstica do Município*. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/>>. Acesso em: 2000 a 2002.

SANTOS, Milton Almeida dos. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton Almeida dos. *Metamorfoses do espaço habitado*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SANTOS, Milton Almeida dos. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996 [1978].

SANTOS, Milton Almeida dos. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, José Borzacchiello da. *O algodão na organização do espaço*. In: Souza, S. de. (Org.). *História do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1994.

SOUSA, Paula Gina dos Santos. *A importância da avenida Oliveira Paiva no processo de evolução do espaço físico do bairro Cidade dos Funcionários*. (Monografia). Universidade Estadual do Ceará, Departamento de Geografia, Especialização em Metodologia do Ensino de Geografia. Fortaleza, 2001.

SOUZA, Maria Salete de. *Fortaleza: uma análise da estrutura urbana*. (Guia de excursão). III Encontro Nacional de Geógrafos, AGB. Fortaleza, 1978.

MOTA, Suetonio. *Introdução à engenharia ambiental*. Rio de Janeiro: ABES, 1997.

VILLAÇA, Flávio José Magalhães. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

